

BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE INTERAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA AÇÃO LEITORA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart¹
Eliane Gonçalves dos Reis²
Fernanda Vilela Castro³

Resumo: Este estudo insurge das dificuldades, contradições e iniciativas observadas nas práticas de uso do espaço das bibliotecas escolares pelos educadores e estudantes. Apoiados na premissa de que as bibliotecas se configuram como espaço propício para a construção de práticas de leitura, assume-se como objetivos apresentar e refletir sobre o que diferentes referenciais teóricos abordam a respeito da forma mais adequada de utilização do espaço físico das bibliotecas escolares, como também conhecer como estes espaços são aproveitados em escolas públicas municipais. Para isso, recorre-se a uma pesquisa qualitativa, a partir de dois estudos de caso, tomando como procedimento investigativo a observação e registros de imagens, em que se relatam experiências vivenciadas em duas bibliotecas escolares de uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. A reflexão teórica apoia-se nos estudos de Silva (1995), Pereira (2006), Pimentel, Bernardes e Santana (2007), Arena (2009), Klebis (2010), entre outros autores que discutem a temática das bibliotecas escolares. O estudo questiona parâmetros de funcionamento das bibliotecas e descrevem como estes ambientes são utilizados, destacando o papel significativo e mediador tanto do espaço físico e quanto daqueles que estão como os responsáveis. Os resultados apresentam as contradições em relação à função do profissional bibliotecário e às atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas escolares. Ressaltam-se que as bibliotecas escolares consistem em espaço de interação de ideias e saberes.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Espaço físico das bibliotecas escolares. Biblioteca escolar e práticas de leitura.

1 Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Especialista em psicopedagogia pela UCB. Graduação em Letras pela Fundação do Ensino Superior do Vale do Sapucaí. Profa. do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Campus Universitário de Lavras/MG. E-mail: ilsa.goulart@ded.ufla.br

2 Graduação em Letras, UFLA. E-mail: ealves1@letrasportuguesead.ufla.br

3 Graduação em Letras, UFLA. E-mail: fvilela1@letrasportuguesead.ufla.br



1 INTRODUÇÃO

*Una biblioteca escolar no nace, se hace.
Cecilia Bajour (2006)*

Na atualidade, em meio às facilidades de acesso à informação, seja impressa ou em mídias digitais, os modos de leitura e escrita ganham possibilidades diversas, multiplicam-se numa linguagem visual e virtual, promovidos por uma cultura letrada. Entretanto, observa-se que o prazer à leitura de livros impressos e à necessidade de valorização de um ambiente próprio para congregá-los, apreciá-los e compartilhá-los, ainda se preserva na sociedade contemporânea, o que evidencia a acuidade de se alargar estudos a respeito de como estes espaços estão configurados e as formas de sua utilização, especificamente, da biblioteca escolar.

As bibliotecas escolares estiveram presentes de modo significativo no decorrer da história da educação brasileira, de forma mais acentuada com a implementação de políticas públicas, a partir do final do século XX, que visavam impulsionar a inclusão social e o desenvolvimento econômico.

Um período educacional regido pela concepção de que as bibliotecas se constituíam como uma instituição do sistema social, responsável pela organização de materiais bibliográficos e não bibliográficos, devendo disponibilizá-los para leitura e uso por toda a comunidade escolar: alunos, professores, pesquisadores, funcionários e a população em seu entorno. No Brasil, documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN), (BRASIL, 1997), que visam direcionar as propostas curriculares das escolas de ensino fundamental e médio do país, entendem que as bibliotecas escolares são “[...] a primeira das condições favoráveis para a formação de bons leitores, ao lado do acervo de classe e das atividades de leitura” (BRASIL, 1997, p. 58).

Diante disso, pode-se afirmar que as bibliotecas escolares não se constituem como espaço de depósito de livros, como sinalizam as pesquisas de Silva (1995), Klebis (2006), Pereira (2006), Campello (2010), Neves e Ramos (2010), mas espaço de interação histórico-social, por contribuírem com o desenvolvimento cognitivo e cultural de crianças e adolescentes.

Se pensarmos na compreensão do vocábulo “biblioteca”, temos, conforme Ferreira (1986, p. 253), a definição da palavra no dicionário com vistas ao seu aspecto estrutural, como uma: “Coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, organizada para estudo,



leitura e consulta. Edifício ou recinto onde se instala essa coleção. Estante ou outro móvel onde se guardam e/ou ordenam os livros”.

A compreensão da palavra “biblioteca” parece tramitar entre os aspectos físicos destes tempos primórdios, visto que tem sua origem nos termos gregos *biblíon* (livro) e *theka* (caixa), significando o móvel ou lugar onde se guardam livros e foi no Egito que existiu desde o século IV a.C., a mais célebre e grandiosa biblioteca da Antiguidade, a de Alexandria, que tinha como ambição reunir em um só lugar todo o conhecimento humano. Seu acervo era constituído de rolos de papiro manuscritos – aproximadamente 60 mil, contendo literatura grega, egípcia, assíria e babilônica, segundo mostram os estudos de Pimentel, Bernardes e Santana (2007).

No entanto, o conceito e as explicações para a palavra “biblioteca” vêm se transformando e se ajustando por meio da própria história das bibliotecas públicas e escolares. Diante disso, entende-se que um novo conceito de biblioteca deva ser abordado, mais ampliado ao de coleção de livros e outros documentos ou de lugar de classificação e catalogação, em proximidade à assembleia de usuários da informação. Isso quer dizer que a compreensão de biblioteca não deve ser resumida apenas a simples armazém conservador de objetos-livros, mas como ambiente de socialização e de circulação da informação oferecendo meios para que o conhecimento se propague de forma dinâmica e interativa.

As observações realizadas em algumas bibliotecas escolares apontam certo descaso ou uma compreensão equivocada do que seria este ambiente. Percebe-se que o aspecto estrutural se apresenta em condições de abandono aos princípios idealizados, sem prontidão e viabilidade para uso público, devido à superlotação de materiais ou má administração.

Esta constatação inspirou o desenvolvimento deste estudo, tanto pelo fato de que ao vivenciarmos cotidianamente, no ambiente escolar, o uso inadequado da biblioteca escolar, conforme as prescrições normativas dos documentos oficiais, quanto pelas dificuldades em se propiciar atividades de leitura, ocasionando a ausência dos estudantes neste espaço.

Diante disso, partimos da premissa de que a leitura desempenha um papel cultural proeminente, de que é possível estimular a prática leitora e ampliar os horizontes dos alunos por meio do acesso aos livros, de que a formação de leitores críticos reflexivos deve ser uma constante preocupação da instituição escolar, compreendendo a necessidade de integralização da biblioteca à rotina escolar dos alunos.



Nesta perspectiva, este texto assume por objetivos apresentar e refletir o que diferentes referenciais teóricos abordam a respeito da forma mais adequada de utilização do espaço físico das bibliotecas escolares, como também conhecer como o espaço de duas bibliotecas escolares públicas municipais é utilizado, descrevendo as práticas de leitura ali desenvolvidas, de acordo com os documentos oficiais, elencando as orientações que permitem aos estudantes uma aproximação mais eficaz com a atividade de leitura.

Para isso, apresentamos uma pesquisa qualitativa⁴, a partir do estudo de dois casos, tomando como procedimento investigativo a observação e registros de imagens, entendendo que a observação, conforme André e Lüdke (1986) permite uma experiência direta com o objeto de estudo, recolhendo e anotando o visto e percebido de modo mais próximo à realidade pesquisada, o que possibilita uma aproximação dos sujeitos e dos espaços pesquisados. Deste modo, descrevemos as observações registradas em duas escolas da rede municipal de São José da Lapa, município da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, coletadas num período de dois meses.

Para melhor compreensão dos espaços observados apoiamos na reflexão teórica dos estudos de Silva (1995), Pimentel, Bernardes e Santana (2007), Pereira (2006), Klebis (2006), Arena (2009), entre outros autores que discutem a temática das bibliotecas escolares.

Para melhor organização das discussões propostas, o texto apresenta-se dividido em três seções: na primeira se discute sobre o espaço físico do livro nas bibliotecas escolares; na segunda discorre-se sobre a concepção da mediação leitora, e, na terceira, apresentam-se os dados de pesquisa, tecendo uma reflexão das questões teóricas a partir do compartilhar de experiências.

2 BIBLIOTECAS ESCOLARES: EM BUSCA DE UMA COMPREENSÃO

Para contribuir para o processo de formação dos profissionais que trabalham nas bibliotecas escolares, passou-se à elaboração de cartilhas e parâmetros, que orientassem o educador, como a *Biblioteca Escolar*, dos autores Pimentel, Bernardes e Santana (2007). A cartilha aborda temas que ampliam o conhecimento dos funcionários da educação a respeito

4 Esta pesquisa é parte integrante dos estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética CAAE: 70591517.9.0000.5148, intitulado “Formação de professores alfabetizadores: uma análise discursiva das práticas pedagógicas de leitura e escrita”, da Universidade Federal de Lavras, sob a coordenação da Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart.



das bibliotecas, para que possam atuar no processo pedagógico da escola, contribuindo para a promoção e democratização da leitura.

Outro documento instrutivo foi elaborado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar da Universidade Federal de Minas Gerais (2010), intitulado Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares. O documento apresenta orientações de uma estrutura necessária para o funcionamento de bibliotecas escolares, uma vez que as bibliotecas são entendidas como espaços que propiciam e estimulam conexões entre saberes e compreendidas como laboratórios de ideias, esses espaços precisam estar em sintonia com a sua função. Segundo esses parâmetros deve-se: “[...] ter um espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar o acervo, os ambientes para serviços, os serviços técnicos e administrativos, ter acervo organizado e variado, ter acesso a informações digitais, funcionar como espaço de aprendizagem, ser administrada por bibliotecário qualificado” (CAMPELLO, 2010, p. 7).

Podemos destacar que a organização do espaço físico se mostra um primeiro dos primeiros aspectos a serem salientados nas regulamentações e discussões sobre as bibliotecas escolares que, muitas vezes, torna-se elemento desencadeador de práticas leitoras, o que repercute no processo de formação do leitor, pois além de proporcionar o estímulo à leitura, promove a sensibilização, a reflexão e a integração dos saberes. Neste sentido, a estruturação deste ambiente feito de modo corriqueiro ou improvisado, pode comprometer a finalidade deste espaço, o que urge o cumprimento de regras para sua composição, organização e operacionalização.

De acordo com Pimentel, Bernardes e Santana (2007) as bibliotecas podem ser classificadas em seis categorias, como Escolar, Especializada, Infantil, Pública, Nacional, Universitária, cada uma caracteriza-se pela sua localidade, funcionalidade e pelo público a que se destina.

Assim, as bibliotecas caracterizadas por escolares localizam-se nas instituições escolares, de modo a ser organizada e estruturada para atender e integrar-se às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e ao currículo escolar. Segundo Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p. 22), sua finalidade consiste em ser um “[...] centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial



desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades”.

Para além dos aspectos de demarcação geográfica das bibliotecas, outro aspecto configurativo está na compreensão do espaço de integração do leitor ao conhecimento a que rege. Diante disso, os autores definem bibliotecas escolares como espaço de inclusão social, que se configuram como ambiente democrático independente da condição social, pois a informação exerce papel fundamental no grau de consciência que cada cidadão tem dos seus direitos e deveres como membros de uma sociedade.

Para a compreensão da dimensão ampliada da ambientalização das bibliotecas escolares como espaço de formação do leitor, Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p.28) apresentam, ainda, como deve ser ou estar organizado o espaço da biblioteca, baseado no projeto denominado de “Virando a Página”, que teve como objetivo fazer uma transformação, no sentido de aproveitar todo espaço disponível. Além do incentivo dos educadores, o projeto criou um ambiente agradável, tornando-se mais atrativo aos olhos dos alunos. Assim o ambiente das bibliotecas pode se tornar uma grande fonte de inspiração para que os estudantes realizem ali suas atividades de leitura, aguçando a criatividade, a criticidade e a intelectualidade.

Os autores ressaltam a importância de se ter clareza, visibilidade e disponibilidade do referencial físico, ou seja, a organização dos livros nas estantes, com as devidas identificações, torna o espaço mediador de aprendizagem significativa, pois o aluno tem como localizar, nas diferentes áreas do conhecimento, o material de leitura que necessita, gerando, com isso, não somente um local de pesquisa, mas um ambiente convidativo ao estudo, com materiais que completem a aprendizagem, a curiosidade e a reflexão.

A regulamentação em Lei Federal n. 12.244 dispõe sobre a necessidade da existência de bibliotecas nas escolas do país, declarando que as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país deverão contar com as bibliotecas (BRASIL, 2010). O texto trata de modo descritivo a conceituação de biblioteca restringindo-se a especificidade legislativa, ao descrever que: “[...] considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa ou leitura”; observa-se uma delimitação do conceito de biblioteca escolar como lugar físico, de arquivamento e conservação de materiais para consulta e estudo.



Alguns aspectos físicos das bibliotecas são destacados por Pereira (2006, p.9) ao indicar que “[...] o espaço da leitura deve ser basicamente seco, arejado e bem iluminado, para evitar danificar as obras e facilitar a leitura, além de criar um ambiente mais confortável”. Para esta autora, acervo deve ficar protegido longe de portas e janelas para não ser exposto ao sol, a chuva e ao vento e em estantes de madeira ou alumínio, que sua vez devem ser vazadas para ventilar e não ficar muito próximas ao chão, a pelo menos 30 centímetros, para evitar umidade e facilitar a limpeza do piso. Enfim, um ambiente que proporcione tranquilidade, com acesso facilitado, e com estantes coerentes com a altura dos alunos e que estes conheçam os critérios de organização do acervo e as regras da biblioteca. A sala de leitura deve ser a parte do local onde fica o acervo com mesas, cadeiras, almofadas, bancos, para que os leitores fiquem mais bem acomodados e possam desenvolver maior concentração e prazer no momento da leitura.

Além dos elementos estruturais, os estudos de Brettas (2010) descrevem que as bibliotecas escolares podem ser compreendidas como aspectos constitutivos de uma sociedade, como: a memória, a cultura, a identidade e a ideologia. Por se encontrarem inseridas em um determinado contexto político e cultural, do qual podem sofrer influências no momento de sua organização e, inclusive, no seu acervo. No entanto, as bibliotecas são importantes prestadoras de serviços e podem, por intermédio do espaço, propiciar atitudes leitoras em seus usuários. Por isso, faz-se necessária uma breve análise desses conceitos, que estão inter-relacionados.

Para Brettas (2010) o aspecto da cultura compreende o conjunto de ações sociais e individuais dos diferentes contextos e épocas. Cada indivíduo ou grupo de indivíduos tem sua responsabilidade na sociedade e, por intermédio dele(s), se perpetuam as ordens sociais. As bibliotecas representam uma instituição cultural e atende a diferentes interesses sociais acumulando, desenvolvendo e disponibilizando livros e outros documentos ao público, um lugar onde convergem informações sobre o mundo, dados locais e globais, fragmentos de saber, da realidade, de ficção e de obras verossímeis.

O aspecto da identidade, segundo Brettas (2010, p.102) está relacionado a preservação do acervo, das suas práticas e configurações originadas no passado e em suas instituições, ou seja, sua cultura e estratégia, pela qual se dá a preservação de suas particularidades. Por fim, o aspecto da ideologia, para Brettas (2010, p. 102) diz respeito à leitura, que é movida por uma



determinada ideologia, mas pode ser a base para um novo sistema de ideias. Ao refletir sobre como determinados grupos leem, podemos compreender melhor como entendem a vida e a realidade social que os cerca. Podemos compreender então a sua identidade. Nesta perspectiva, o espaço das bibliotecas escolares, como local de salvaguarda dos livros, apresenta relevância na contribuição cultural e educacional para a comunidade onde situa e atua.

Klebis (2010, p.19) ao questionar sobre o que seriam as bibliotecas, as define como:

Prédios que buscam reunir o universal...espaços de acúmulo e difusão cultural... templos do saber que têm no livro um objeto de culto e na leitura uma atividade sagrada... locais de murmúrio de leitores inquietos... campos em que se cultivam o silêncio e a ordem... o lugar aprazível da leitura solitária e compenetrada... local de pesquisa, estudo e convívio para sábios, cultos, eruditos, intelectuais e acadêmicos... ambientes organizados e assépticos de preservação de livros e textos... instituições políticas de transformação social... lugares vigiados, controlados, censurados... espaços em extinção diante das novas tecnologias digitais... asilo aos leitores encobertos de poeira e semidestruídos pelas traças... espaços mágicos e misteriosos para crianças... espaços de construção das relações entre leitores e livros... Talvez as bibliotecas tenham, a um só tempo, todos esses aspectos e a possibilidade de muitos outros.

Definir o que seriam as bibliotecas, no caso as escolares, se mostra algo desafiante, porque estão em jogo tanto sua estrutura, sua funcionalidade, sua organização, quanto os aspectos que caracterizam e possibilitam a dinamização de práticas culturais de leitura e escrita, o que exige uma reflexão mais alargada para assegurar uma compreensão efetiva do termo.

Além de que, conforme aponta Castrillon (2009, p.10), torna-se necessário a proposição de que as bibliotecas escolares são parte integrante da escola, de modo que no espaço físico possa se visualizar outras possibilidades de se conhecer e de inteirar-se da informação, o que possibilitará o “[...] ressignificar a leitura e a escritura, tanto para os docentes como para os alunos”, para isso o autor considera que “a primeira mudança que deve acontecer na biblioteca

é, então, a de sua concepção: esta deve se fazer primeiro desde o pedagógico, com o qual não se quer desvalorizar o bibliotecológico”⁵.

O próximo tópico oportunizará maior ampliação desta reflexão.

3 A MEDIAÇÃO LEITORA NO ESPAÇO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

A compreensão do que são as bibliotecas escolares se esbarra em questões políticas, pedagógicas e ideológicas, exige um olhar amplo de todas as dimensões que as envolvem, isto porque, segundo Castrillon (2009, p.11), “[...] uma biblioteca escolar é mais produto de uma construção coletiva em que participamos docentes, a direção escolar e administrativa, em primeira instância, mas também alunos”⁶.

Ao considerar as bibliotecas escolares como produto de uma construção coletiva, tem-se uma proximidade aos estudos de Arena (2010), quando ao integrar uma pesquisa sobre o perfil cultural dos professores de uma região do estado de São Paulo, destaca que as denominações de ambientes físicos ou de projetos, como “Salas de Leitura”, “Lugar dos Livros”, “Farol do Saber”, “Espaço de Leitura”, entre outros, se mostram tentativas de fuga da nomenclatura “biblioteca escolar”, isso ocorre devido a ideia de biblioteca a partir do modelo clássico estrutural, em contradição com a precariedade do espaço e a ausência de um profissional formado especificamente para isso – o bibliotecário.

Para Arena (2010, p. 13), o ambiente físico, em junção com os livros, materiais de leitura, cartográficos, videográficos entre outros documentos guardados são insuficientes para caracterizar a existência de bibliotecas escolares, segundo o autor, a materialidade física lhe atribui existência e vivacidade, visto que “[...] não é somente com eles que se pode confirmar a existência de biblioteca na escola; mas é com as relações entre alunos, livros, bibliotecários, professores de biblioteca e professores de salas de aula que se pode conquistar o estatuto de lugar dos livros ou de biblioteca”.

5 Cf. Texto original: “[...] resignificar la lectura y la escritura, tanto para los docentes como para los alumnos”, para isso o autor considera que “El primer cambio que debe operar se en la biblioteca es, entonces, el de su concepción: esta debe hacerse primero desde lo pedagógico, con lo cual no se quiere desvalorizar lo bibliotecológico”, Castrillon (2009, p.10). Tradução nossa.

6 Cf. Texto original: Castrillon (2009, p.11) “[...] una biblioteca escolar es más producto de una construcción colectiva em la que participan docentes, directivos docentes y maestros en primera instancia, pero también alumnos”. Tradução nossa.



O que se evidenciam nas relações construídas no espaço das bibliotecas escolares são experiências de práticas e modos culturais de se relacionar com o ato de ler, segundo Klebis (2010, p. 26), ao entrar numa biblioteca ocorre uma alteração na postura do leitor, há uma incorporação de atitudes, “[...] como que impelidos a um súbito recalque, um refreamento de nós mesmos, baixamos o tom de voz, diminuimos a intensidade de nossos passos, esforçando-nos por permanecer o mais invisíveis e inaudíveis que pudermos nesse ambiente tão opressor e, por isso mesmo, tão propício ao exercício da fantasmagoria”.

Considerando o que se compreende por leitura, o educador Freire (1989, 2001) nos mostra que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Se a leitura do mundo, do ato vivencial precede a leitura do código, aprendida de forma sistematizada numa instituição escolar, deve-se levar em consideração que a compreensão do significado de leitura como prática cultural permite identificar que o ato de ler está relacionado ao contexto social, às vivências e experiências com meio em que estamos inseridos.

Segundo Freire (1989), a leitura e a escrita são encaradas sob o ângulo da luta política com a compreensão científica do tema. Essa obra reafirma os traços mais significativos de Paulo Freire, onde nos sentimos participantes, sujeitos da ação. O autor fala de lembranças da sua infância, de como o ato de ler aconteceu na sua vida.

[...] no esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. E algo que me parece importante, no contexto geral de que venho falando, emerge agora insinuando a sua presença no corpo destas reflexões. Me refiro a meu medo das almas penadas cuja presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos, no tempo de minha infância (FREIRE, 1989, p. 11).

Freire (1989, p.14) comenta uma experiência de leitura que vem antes da codificação, por isso critica que, muitas vezes, ocorre de forma equivocada a cobrança dos educadores de atividades de leitura nas escolas:

[...] A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por

exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas.

Ao falar da “magicização” da palavra escrita, Freire (1989) destaca que não se trata de um fazer irresponsável de atividades de leitura, tanto em relação ao estudante quanto ao docente, pois ambos estão envolvidos no processo de formação de um leitor crítico e reflexivo, o que torna a leitura um ato político, pois envolve relações e atuações entre pessoas.

Diante disso, o autor aborda o vínculo político que a educação assume no processo de formação do leitor, visto que passa a ser compreendida como ferramenta de libertação, que faz da pessoa um cidadão crítico capaz de tomar suas próprias decisões e intervir nas decisões tomadas por ela. Quanto mais ganhamos esta clareza por meio da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder (FREIRE, 1989).

Quando a questão das relações, construídas no processo de ensino e aprendizagem, está em foco, entra em jogo a questão da mediação pedagógica. Para Pereira (2006), mediadores da leitura são pessoas que se interpõe entre o leitor e o texto. Mediar origina-se do latim *mediare*, do adjetivo *médius*, que se encontra no meio ou entre dois pontos. Assim, a mediação vem a ser a junção, a aproximação entre duas partes, como uma “ponte”. Porém não se pode confundir mediação com facilitação, mediar é intervir para aproximar, abrir caminhos, ir além.

Ao fazer uma análise crítica de como a leitura se manifesta na nossa sociedade e qual o papel das instituições de ensino nessa dinâmica, Rocco (1994, p. 38) fala da responsabilidade que é depositada nas escolas em relação à leitura, de modo que “[...] a leitura e a escrita, vêm sendo quase sempre focalizadas como concernentes exclusivamente à escola e vistas como operações básicas, cuja pertinência seria antes da área pedagógica”.

Rocco (1994) fala, ainda, do receio em relação à perpetuação dos livros, em virtude dos saltos da revolução eletrônica. Segundo a autora esse receio não é errôneo, uma vez que a imagem também estimula a leitura e “[...] não se constitui em ato solitário, nem em atividade monológica do indivíduo, pois este indivíduo, ao ler um texto, um livro, interage não propriamente com o texto, com o livro, mas com os leitores virtuais criados pelo autor e também com esse próprio autor” (ROCCO,1994, p. 39).



São estas interações construídas pela e com a leitura que nos aproximam da abordagem Histórico-Cultural⁷, numa concepção interacionista do processo de aprendizagem. Segundo Vygotsky (1998), as relações sociais são determinantes no processo de formação dos sujeitos, isso porque o homem biológico transforma-se em social, por meio de um processo de internalização de ações e de signos culturalmente desenvolvidos.

Oliveira (1997) defende a proposição de Vygotsky (1998) de que apesar da aprendizagem ser um processo biológico o desenvolvimento depende de fatores culturais. O sujeito depende do meio para desenvolver suas habilidades, existe uma parte que é individual, orgânica, mas existe outra parte incapaz de se desenvolver não fosse o ambiente em que se está inserido.

Nesta perspectiva, segundo Oliveira (1997), a fundamental responsabilidade do educador, no ambiente escolar, se dá pelo fato de ser o principal responsável pela mediação⁸, que favorece o desenvolvimento cognitivo do aluno. Esse processo de mediação se dá, também, com algumas estratégias que devem ser adotadas pelos educadores, o conhecimento prévio do aluno deve ser respeitado e considerado no processo de aprendizagem, mas é função do professor intervir para reorganizar esse conhecimento e elevá-lo a outro patamar.

Fernandéz Rodriguez (2000) faz uma análise da mediação enfatizando como a leitura bem direcionada contribui com o sucesso escolar dos alunos, através de um guia de estudos para adolescentes que não conseguem estabelecer uma rotina de estudos adequada às demandas escolares. Em seu estudo o autor apresenta várias técnicas importantes para o desenvolvimento acadêmico e enfatiza a importância do hábito de frequentar bibliotecas e de ler constantemente. Isso contribui com a rapidez de raciocínio e com o enriquecimento vocabular de crianças, adolescentes e adultos.

Podemos dizer que, uma biblioteca escolar não se configura apenas com a presença de livros, ou por possuir uma estrutura sólida e bem ornamentada, mas sim por apresentar um

⁷Segundo Rego (1995, p.100), a construção da Psicologia Histórico-Cultural tem sua base teórica e metodológica nas proposições de Vygotsky “que entendia que a compreensão do ser humano dependia do processo de internalização das formas culturalmente dadas de funcionamento psicológico. Foi a partir dessa premissa que tentou explicar a transformação dos processos psicológicos elementares, relacionados aos fatores biológicos do desenvolvimento, em processos superiores, resultantes da inserção do homem num determinado contexto sócio-histórico”.

⁸ Para Oliveira (1997, p.25), o conceito central para a compreensão da abordagem Histórico-Cultural do funcionamento psicológico trata-se do conceito de mediação, em que “a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo”.

relacionamento entre alunos, amparados por um profissional mediador do processo de formação do leitor, atuando como sujeito ativo na construção da valorização da leitura.

3 Apresentação das bibliotecas escolares: espaço de interação e integração cultural e social

Optamos por apresentar os dados de uma pesquisa qualitativa, que toma como procedimento metodológico o estudo de caso, coletados a partir de observações e vivenciadas em duas bibliotecas escolares, decorrentes do acompanhamento de dois meses em escolas municipais da cidade de São José da Lapa, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. As observações e análises partem da estrutura física, da organização e apresentação visual do acervo e dos modos de utilização.

Para manter a política de privacidade, as bibliotecas escolares municipais serão apresentadas como *Escola 1* e *Escola 2*. Inicialmente, aprestamos uma descrição dos aspectos físicos das bibliotecas, para depois ampliamos a reflexão para o estudo das atividades ministradas neste ambiente, de modo a favorecer a compreensão do processo de mediação da leitura desenvolvida em cada um desses espaços.

A biblioteca da *Escola 1*, apresenta uma estrutura física composta por estantes de alvenaria, bancadas de ardósia, armários de aço e 5 mesas redondas com 6 cadeiras cada. Um espaço físico de aproximadamente 20 metros, localizado no interior da escola entre o depósito de materiais e uma sala de aula. Possui somente uma porta para entrada e saída, com o seu acesso facilitado, pois fica de frente a um espaço livre usado, às vezes, para recreação. O espaço interno é agradável com estantes pintadas em verde, com caixas coloridas em que eram colocados os livros e que colaboravam na decoração do ambiente.

Imagem 1 - Escola 1: espaço interno da biblioteca





Fonte: Autoras.

Na *Escola 1* observamos que no espaço da biblioteca, também se encontravam livros didáticos, cartazes, quadro branco, para exposição de algum tema/assunto. Os livros estão organizados por idade ou série e não estão catalogados, apenas carimbados com os dados da escola.

Os estudantes possuem um horário direcionado à visita ao espaço da biblioteca. Não podem frequentar livremente o ambiente, apenas com a supervisão do professor de biblioteca. A responsável pela biblioteca, não possui formação em biblioteconomia, a função é exercida por uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, remanejada para este cargo.

Acontece na escola um rodízio entre os professores para ocupar a função de professor responsável pelo espaço da biblioteca. Cada ano, um professor diferente assume a função de bibliotecário, atualmente a professora responsável (45 anos), que já atuara no exercício da docência 15 anos, estava como bibliotecária há 2 anos. Para esta funcionária, estar nesta função, embora sem a formação, trata-se de uma atividade vista como tranquila, por ser a biblioteca compreendida como um espaço de descanso do magistério, balizada pela representação de que o desenvolvimento das atividades docentes sobrecarrega, pelo acúmulo de atividades vistas como cansativas e estar na biblioteca ou exercer a função de bibliotecária trabalho passa a ser menos trabalhoso.

Nesta escola o espaço da biblioteca escolar não é utilizado para pesquisa. Cada turma vai à biblioteca uma vez por semana, como se fosse uma disciplina do currículo, nesse horário a professora responsável, cria atividades para serem trabalhadas com os alunos. Observamos que a proposta desenvolvida como “aula de biblioteca” apresenta algumas contradições, pois os estudantes não se sentiam estimulados para as atividades de leitura e o uso dos livros não

era prioridade, na maioria das vezes, o que era trabalhado resumia-se na exibição de vídeos e na exploração de datas comemorativas.

Durante as “aulas de biblioteca”, a ação docente não se constituiu numa proposta mediadora das práticas de leitura, as atividades restringiam-se à realização de exercícios dispostos nos livros didáticos e, para as crianças menores, oferecia-se atividades para colorir ou desenhar no caderno, de acordo com a data comemorativa mais importante da semana.

O que parece se distanciar da perspectiva de relação social e desenvolvimento do pensamento crítico, que segundo Freire (1989), a ação docente é à base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. O que é um grande desperdício da oportunidade de se lançar mão de uma ação mediadora de leitura neste espaço.

Na *Escola 2* a biblioteca apresenta uma estrutura física semelhante à *Escola 1*. Encontra-se junto ao acervo, livros didáticos, cartazes, quadro branco, para exposição de algum tema/assunto. Os livros estão organizados por idade ou série e não foram catalogados, apenas carimbados com os dados da escola. O espaço é pouco utilizado para pesquisa, pois para esse fim não existe uma pessoa responsável para orientar os alunos. As “aulas de biblioteca” também acontecem uma vez por semana, como se fosse uma disciplina do currículo. O ambiente torna-se, por vezes, espaço de ações coercivas quando não se cumprem as atividades enviadas para casa.

Imagem 2 - Escola 2: espaço interno da biblioteca



Fonte: Autoras.

Na *Escola 2* a profissional, responsável pela biblioteca, também não possui formação em biblioteconomia. A função de bibliotecária é exercida por uma professora. Apesar de atuar na docência há 8 anos nas iniciais do Ensino Fundamental e estar na função de bibliotecária

pela primeira vez, a professora apresentou outra postura pedagógica em relação à compreensão do espaço da biblioteca escolar, envolvendo os alunos no mundo letrado de maneira lúdica e prazerosa.

Se compararmos as bibliotecas da *Escola 1* com a *Escola 2*, podemos destacar que diferença está no modo de utilização deste espaço, em que as atividades criadas são direcionadas para pesquisa e para o estímulo à leitura. Na *Escola 2* a coordenadora pedagógica desenvolveu um projeto por bimestre, para que a professora responsável trabalhasse com os alunos em sala, e em cada projeto foi selecionado um livro do acervo, para leitura, interpretação e desenvolvimento de outras atividades relacionadas. Observamos e acompanhamos o desenvolvimento do projeto “Viajando pela leitura”. A atividade constituiu-se da leitura da obra pela professora e, logo após, de recortes de revistas para montar ilustrações da história no caderno, pelos alunos.

Segundo Arena (2010), as ações pedagógicas desenvolvidas nas escolas têm procurado envolver o espaço das bibliotecas, como complemento ou apoio das atividades, em projetos de leitura em sala de aula ou como suporte para as pesquisas recomendadas pelo professor. Para o autor, as bibliotecas escolares passam a integrar as práticas de leitura no ambiente escolar, assumindo uma função mediadora e potencializadora de atividades de leitura, visto que apresenta uma cultura histórica de relação entre leitores e livros.

Imagem 3 - Escola 2: Projetos de leitura



Fonte: Autoras.

Outro projeto observado na *Escola 2*, nomeado “Leitura com a Janete”, acontecia uma vez por semana e consistia na atividade de um aluno por turma para levar uma sacolinha com um livro escolhido para casa – as opções de obras eram oferecidas de acordo com cada idade – nas sextas-feiras. A sacolinha retornava, na segunda-feira, com uma ficha de avaliação da leitura do livro que a criança levava.

Outra atividade proposta pela professora responsável pela biblioteca foi a utilização de fantoches e bonecos confeccionados por ela para a contação de histórias. Ao final da contação, o aluno que quisesse poderia fazer um reconto da história para a turma.

Podemos visualizar, neste sentido, que o vivenciado na atividade de leitura passa a uma ação intermediada pelas relações interpessoais em uma rede escolar, em que, segundo Arena (2010), se criam as condições desejáveis para o ensino e aprendizagem da leitura como prática social, no caso, ações mediadoras de leitura no espaço da biblioteca escolar.

O professor, responsável pela biblioteca, precisa compreender as relações que envolvem o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, como a que propõe a concepção Histórico-Cultural, ao descrever que entre o desenvolvimento Real e o Desenvolvimento Potencial existe um espaço, que Vygotsky (1998) denomina de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD). Ter o conhecimento de que é neste espaço em que a criança é capaz de realizar atividades com a ajuda de outro, auxilia na maneira como a mediação deverá acontecer, o educador saberá como atuar para ampliar os conhecimentos do aluno, tendo em vista o que consegue fazer sozinho e o que ainda não consegue. Existem fases em que as crianças conseguem desenvolver algumas capacidades com autonomia e avaliando essas habilidades é que conseguimos definir em que fase do desenvolvimento a criança se encontra, através dos níveis de desenvolvimento real e potencial.

Esse caminho a ser percorrido, na Zona de Desenvolvimento Proximal, pode ser encontrado e estimulado, no espaço da biblioteca, que se torna um laboratório, pelo fato de ser um espaço de interação que oferece diversas possibilidades de pesquisa, entendendo que:

O papel da escola (e principalmente do professor) é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à de classe, para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma, a aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas (empréstimo, seleção de repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.), e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta. Além disso, a organização do espaço físico — iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. — deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar ao aluno

o gosto por frequentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura.
(BRASIL, 1997, p. 61)

É neste sentido, que se considera a necessidade de que o profissional seja habilitado para trabalhar em uma biblioteca, ou seja, um funcionário formado em biblioteconomia. Esta formação lhe atribui certa autoridade para lidar com as diversas situações que envolvem o uso da biblioteca, mas que o que vemos acontecer frequentemente em escolas públicas, é a função do bibliotecário sendo assumida por professores em processo de reabilitação ou em desvio da função da docência.

O professor e o bibliotecário devem estar em sintonia, o primeiro deve buscar estimular o interesse dos alunos sugerindo pesquisas criativas e o segundo deve orientar e mediar ações de forma a indicar ao aluno os melhores caminhos, ou seja, apresentar diferentes estratégias de atividades de leitura. Portanto, cabe aos diretores e educadores, em geral, repensar sobre o papel das bibliotecas escolares, haja vista que as ocorrências e déficits nas práticas de leitura vem prejudicando o ensino de base. As escolas acabam, inconscientemente, fechando o campo de atuação para as dúvidas e para as curiosidades. (BEZERRA, 2008)

4 CONCLUSÃO

Ao apresentar e descrever as experiências, por meio dos estudos de caso, tomando como referência inicial o espaço físico de duas bibliotecas escolares, ampliando as observações para as atividades ali desenvolvidas, pudemos compreender a dinâmica do cotidiano das atividades de leitura realizadas nas instituições educacionais, na configuração de um ambiente de interação e integração dos alunos como sujeitos leitores.

Observamos contradições dos profissionais que ali atuam, da percepção e compreensão da finalidade do espaço das bibliotecas escolares como mediador do conhecimento e desencadeador de práticas culturais de leitura. O ato de planejar e utilizar estratégias de ação leitora, aparece com foco de prioridade em apenas uma das escolas observadas, em outra ficou evidente certo desvio da função primordial de uma biblioteca: o intercâmbio de saberes.

Percebemos que, nas duas bibliotecas escolares analisadas, o trabalho de mediação da leitura distancia-se de uma prática pautada na finalidade legal e idealizada das bibliotecas escolares, apresentada nos estudos realizados dos documentos oficiais. Contudo, detectamos



iniciativas de ofertar outras condições de trabalho que atendessem às necessidades inerentes ao processo de formação de sujeitos leitores. Apesar do espaço e do material ter impacto direto nas condições de relação entre os estudantes e o conhecimento, o profissional que atua na biblioteca tem função determinante neste processo, não apenas de orientador, mas de mediador, quando, ao engajar-se na prática leitora, ultrapassa-se a dimensão física, instaurando um ambiente interativo, produtivo e criativo.

Assim, a estrutura física ineficaz que, muitas vezes, se torna alvo de críticas, nem sempre é o fator primordial para o funcionamento inadequado das bibliotecas escolares, mas, sim, o despreparo de profissionais qualificados ou engajados para se desenvolver um trabalho pedagógico, com foco na formação de leitores. Neste sentido, as observações deste estudo sinalizam para a importância de se ter um profissional bibliotecário, preparado para assumir as atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas escolares.

Longe de ser um lugar estático, acreditamos que as bibliotecas escolares consistem em espaço de interação de ideias e saberes, no qual os estudantes possam realizar suas atividades de pesquisa e estudo, como também se propicie uma relação com as práticas culturais de leitura, oferecendo oportunidades para se aguçar a curiosidade, a imaginação e a criticidade.

A instituição escolar não se resume em um mundo à parte da sociedade contemporânea às mudanças sociais, está sujeita às transformações socioculturais, por isso sua especialidade deve estar na constante dinâmica de se inovar. Se os livros são objetos fundamentais para o processo de formação de sujeitos leitores, as bibliotecas escolares permitem o acesso a eles, o que a torna um espaço mediador da imaginação, da criatividade, do interesse, da informação, do conhecimento, ao desencadear de ações leitoras.

REFERÊNCIAS

ALIAGA, R. A. **biblioteca escolar na produção acadêmica sobre leitura**: movimentos, diálogos, aproximações. 2013. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. **O papel da biblioteca escolar**: importância do setor no contexto educacional. São Paulo, 2008.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): Leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras**. Brasília, 2008.

BRASIL. Lei Federal n. 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a criação de bibliotecas escolares nas redes públicas de todo o país. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 maio 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BRETTAS, Aline Pinheiro. A biblioteca pública: um papel determinado e determinante na sociedade. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 24, n.2, p.101-118, jul./dez. 2010.

CAMPELLO, Bernadete. (Org.). **Biblioteca escolar como espaço de produção de conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/images/stories/padroesparabibliotecasescolares.pdf> Acesso em: 2 maio 2015.

CASTRILLON, Silvia. Biblioteca escolar: um modelo legimista o una propeusta transformadora? **Revista Lectura y Vida**, Buenos Aires, ano 30, n.4, p. 6-12, 2009.

FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Concepción. **Aprender a estudar/ Como superar as dificuldades nos estudos**. São Paulo: Scipione, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, ago. 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99 p.

NEVES, Nathalie Vieira; RAMOS, Flávia Brocchetto. **O espaço da Biblioteca Escolar: análise das condições de mediação de leitura**. Rio Grande do Sul, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PEREIRA, Andréa K. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica, 2006.



PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Lilian; SANTANA, Marcelo: **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROCCO, Maria Thereza. A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. São Paulo, **Série Ideias**, n.13, p. 34-42, FDE, 1994. Disponível: em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p037-042_c.pdf . Acesso em: abril de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Escola de Ciências da Informação: Grupo de Estudos em Biblioteca escolar. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: Parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Waldeck C. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHOOL LIBRARY: SPACE FOR INTERACTION AND INTEGRATION OF ACTION READER

Abstract: This study is rightly the difficulties, contradictions and initiatives observed in the practices of use of space of school libraries by educators and students. Based on the premise that the libraries are configured as a space conducive to the construction of reading practices, it is assumed as an aims to present and reflect upon the different theoretical references discuss about the most appropriate way to use the physical space of the school libraries, also know as these spaces are used in municipal public schools. To do this, using a qualitative research, from two case studies on investigative procedure and observation records of images, reported experiences experienced in two school libraries of a city in the metropolitan region of Belo Horizonte. The theoretical reflection supports studies of Silva (1995), Pereira (2006), Pimentel, Bernardes and Santana (2007), Arena (2009), Klebis (2010), among other authors that discuss the subject of school libraries. The comments questioning the library's operating parameters and describe how these environments are used, highlighting the significant role and mediator both physical space and how much of those who are responsible. The results show the contradictions in relation to the role of the professional librarian and the activities to be developed in school libraries. Point out that school libraries consist of space of interaction of ideas and knowledge.

Keywords: School library. Physical space the school libraries. School library and reading practices.

RECEBIDO: 07-02-2018

ACEITO: 16-07-2018



